

Arqueologia & História

Volume nº 56|57 - 2004|2005

Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses



Vale do Côa 10 ANOS



Discurso do Presidente da Direcção da AAP por ocasião do lançamento do Catálogo da Colecção Permanente do Museu Arqueológico do Carmo,

Construindo a Memória

1 de Dezembro de 2005

Senhor Presidente da República,
Senhor Secretário de Estado da Cultura
Senhor Presidente da Câmara Municipal de Lisboa
Senhor Chefe da Casa Civil de sua Excelência o Presidente da República
Senhor Representante do Comandante Geral da Guarda Nacional Republicana,
Senhor Director do Instituto Português de Museus,
Senhora Vice-Presidente Instituto Português do Património Arquitectónico
Senhora Presidente da Assembleia Geral da Associação dos Arqueólogos Portugueses

Estimados Amigos e Consócios,
Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Hoje é um dia muito especial para esta centenária Associação e para o seu Museu, instalado nas Ruínas do Carmo desde 1864. Com a publicação deste volume de estudos e catálogo das cerca de 1700 peças que se encontram expostas, completa-se um vasto programa de remodelação e dinamização do mais antigo museu de Arqueologia e História de Arte do país, que se mantinha praticamente imutável desde 1949. Este processo de remodelação foi longo e conturbado, e só se tornou possível graças à compreensão e ao apoio de um vasto conjunto de pessoas e instituições, devidamente referidas no capítulo introdutório desta obra, no qual se faz um relato sucinto de todo o processo. Dispensó-me, assim, de os referir todos aqui, para não abusar da vossa paciência, e não correr o risco de esquecer alguém.

A obra que hoje se apresenta é o resultado de cerca de três anos de trabalhos de investigação sobre as colecções que foram seleccionadas para figurar na exposição permanente. Como o museu havia sido em grande parte desmontado e a maior parte do acervo se encontrava em muito mau estado de conservação, devido às obras de preparação do edifício para o impacto da construção das novas linhas do metropolitano, foi necessário proceder a uma série de intervenções de conservação e restauro, entregues a especialistas nos diferentes materiais, também documentadas no final desta obra.

Apesar de quase todo o acervo ter estado exposto ao público durante mais de um século, embora em condições precárias, a maior parte nunca tinha sido estudado de um modo aprofundado e sistemático, pelo que constituiu uma surpresa para os cerca de 30 investigadores, especialistas nos mais variados domínios da

Arqueologia, Egiptologia, Epigrafia, Heráldica, e História de Arte, escolhidos para este trabalho. Assim, uma obra inicialmente prevista para cerca de 350 páginas, acabou por ter mais de 640. Tornou-se, portanto, necessário proceder a uma reprogramação financeira do projecto, e procurar novas fontes de financiamento. Apesar destas só cobrirem cerca de metade dos elevados custos de produção de uma obra desta natureza, a Direcção da AAP decidiu avançar com o projecto, esperando recuperar, nos próximos anos, uma parte do investimento feito, pois julgamos ter produzido uma obra de consulta indispensável para todos os que se interessam pelas ciências históricas e patrimoniais.

Não posso, assim, deixar de agradecer a todos os autores que contribuíram para a sua realização, bem como a José Pessoa e à sua equipa da DDF do IPM, que realizou a maior parte das fotografias de melhor qualidade, a Nuno Vale Cardoso e Nina Barreiros, responsáveis pelo excelente grafismo, e ainda a todas as entidades que contribuíram para a publicação desta obra, nomeadamente a Rede Portuguesa de Museus, o Gabinete do POC, a Imopolis e a Fundação Calouste Gulbenkian. Cumpre-me, por fim, agradecer à Doutora Carla Varela Fernandes, que coordenou com o signatário a realização desta obra, o seu empenho e entusiasmo na realização desta tarefa, os quais foram decisivos para o êxito da mesma.

É assim uma honra para todos os que participaram neste processo podermos contar com o patrocínio e a presença de Sua Excelência o Presidente da República, que, no final de um mandato particularmente difícil, conseguiu sacrificar algum do seu precioso tempo de repouso para compartilhar connosco este momento de júbilo e de esperança no futuro e na nossa capacidade de transformar o mundo que nos rodeia, e dar sentido à nossa efémera existência terrena. Merece ainda destaque o especial interesse que Sua Excelência tem demonstrado pelo património cultural, desde o início do seu primeiro mandato, com especial relevo para a forma como apoiou a candidatura da Arte do Côa a património mundial.

A presença de Sua Excelência o Presidente da República nesta cerimónia vem, de certo modo, retomar uma já antiga tradição de patrocínio a esta Associação e ao seu Museu, por parte do Chefe do Estado, iniciada por D. Fernando II, continuada pelos seus sucessores



Presidente da Direcção, Dr. José Morais Arnaud, oferecendo ao Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio, uma reprodução do Busto de D. Afonso Henriques.

no trono, e de certo modo mantida pela República, cujo primeiro Presidente, Dr. Manuel de Arriaga, presidiu em 23 de Novembro 1913 às comemorações do cinquentenário da nossa Associação, tendo também participado noutras actividades associativas.

Essa ligação simbólica entre a chefia do Estado e a instituição que criou e tem gerido o Museu Arqueológico do Carmo é, em nosso entender, plenamente justificada pelo facto de a esta Associação de utilidade pública sem fins lucrativos ter sido entregue, a título vitalício, um monumento nacional, em boa hora resgatado de utilizações menos consentâneas com a sua importância histórica e a sua dignidade patrimonial, e um espólio muito rico e variado. Esse espólio inclui, entre muitas outras peças de elevado valor histórico, além da sepultura primitiva de D. Nuno Álvares Pereira, encontrada em 1996 na antiga capela-mor, o busto atribuído a D. Afonso Henriques, os túmulos régios da rainha D. Constança e de seu filho, D. Fernando I, parte do túmulo da rainha D. Maria Ana de Áustria, e muitos outros elementos relacionáveis com as grandes figuras da História de Portugal. A maior parte destas peças, que se encontravam em igrejas, conventos e mosteiros entretanto abandonados, destruídos ou afectados a outras funções, ter-se-iam perdido irremediavelmente não fora terem sido recolhidos neste museu, construído com essa finalidade por Possidónio da Silva, que, sendo um combatente do Liberalismo, tinha, tal como Garrett, Herculano, e tantos outros, uma forte consciência crítica em relação às destruições patrimoniais então praticadas.

Tendo embora plena consciência de que o museu actual representa um substancial salto qualitativo em relação à situação anterior, uma quase “refundação”, no dizer do nosso estimado consócio Dr. Alves de Azevedo, não posso também deixar de referir que a organização e apresentação ao público de uma colecção tão rica e variada foi uma constante preocupação dos responsáveis associativos, desde a sua fundação. Com efeito, o espaço que foi entregue à Associação, apesar da sua grande beleza e carga simbólica, pois está associado a momentos muito marcantes da história pátria, de Aljubarrota ao 25 de Abril, passando pelo Terramoto de 1755, levanta não só problemas museográficos de difícil solução, como apresenta grandes dificuldades de conservação do acervo. Por um lado, uma parte considerável deste encontra-se exposta na nave da antiga

igreja, sujeito à acção dos agentes atmosféricos. Por outro lado, as capelas da cabeceira (tal como o portal oeste) apresentam uma série de patologias, cujo tratamento só será possível com o apoio das entidades com maiores responsabilidades na preservação do património arquitectónico do país. Saúdo, assim, a recente nomeação para a presidência do IPPAR do Dr. Elísio Summavielle, que durante uma década exerceu as funções de Sub Director-Geral da DGEMN, esperando que esse facto seja um bom augúrio no sentido de uma desejável articulação (e, porque não? até, de uma fusão) entre estas duas instituições, absolutamente essencial para assegurar uma gestão mais eficiente dos reduzidos recursos humanos e financeiros disponíveis, numa época de crise económica e de contenção das despesas públicas.

Apesar de todas estas dificuldades, graças ao empenhamento de um pequeno grupo de sócios que integram os corpos sociais, tem sido possível assegurar, ao longo dos últimos anos, a sua auto-suficiência financeira, graças a uma gestão eficaz dos recursos, por parte do tesoureiro, Dr. José Domingos, a quem manifesto publicamente o meu reconhecimento, por todo o apoio que tem dado a esta Associação, com sacrifício da sua vida pessoal e profissional. Aproveito também para manifestar um especial agradecimento ao nosso estimado consócio João Fernandes Gomes, Vice-Presidente da Direcção, desejando-lhe um rápido restabelecimento e o regresso ao nosso convívio.

Uma localização privilegiada e o facto de termos podido contar com um quadro de pessoal reduzido, mas muito motivado, têm-se também revelado factores decisivos para a sustentabilidade deste museu. Seria, no entanto, ilusório pensar que se encontram resolvidos todos os problemas. Precisamos, essencialmente, de espaço para instalar com dignidade as reservas, e a biblioteca, e ainda para exposições temporárias e outros serviços, que um público cada vez mais exigente espera encontrar hoje num museu. Julgamos, assim, que o trabalho desenvolvido, em prol da Cidade e do País, justifica plenamente a atribuição a esta Associação e ao seu Museu de novos espaços no convento do Carmo, logo que estes estejam disponíveis.

Saúdo também, na pessoa do Sr. Major Andrade, Director do Arquivo, Biblioteca e Museu da GNR, aqui presente em representação do Senhor General

Comandante-Geral, o recente início do processo que conduzirá à criação de um Museu da GNR no contíguo edifício do antigo convento do Carmo, e a abertura demonstrada pelo actual Comando a uma estreita colaboração entre os museus destas duas instituições, que há mais de 140 anos compartilham o espaço do antigo Convento do Carmo. Aproveito o ensejo para agradecer a recente colaboração prestada pela GNR, deslocando para instalações temporárias apropriadas o material diverso, pertencente a esta associação, que se encontrava armazenado nesta sala, sem o que não teria sido possível realizar aqui esta cerimónia.

Congratulo-me também pela próxima reabertura, prevista para o dia 19 de Dezembro, da ligação, ainda que provisória, entre o elevador de Santa Justa e o Largo do Carmo, após um década de encerramento. Esta ligação é absolutamente essencial para a auto sustentabilidade deste museu, pois permitirá que uma parte substancial dos cerca de 150.000 turistas que utilizam anualmente o elevador apenas como acesso ao mirador, possam também visitar as Ruínas do Carmo. Não posso, assim, deixar de felicitar a Câmara Municipal

de Lisboa, a Carris, e a Imopolis pela sua articulação no sentido de resolver este problema, que se arrastava há já longos anos.

Assinalando simbolicamente a sua presença entre nós, a Assembleia-Geral desta Associação, por proposta da Direcção, decidi atribuir ao Dr. Jorge Sampaio a qualidade de Sócio Honorário, cujo diploma e distintivo vão ser entregues pela Prof.^a Doutora Teresa Júdice Gamito, Presidente da Mesa da Assembleia Geral.

Resta-me agradecer a presença de todos, esperando que apreciem a obra agora lançada, e convidar-vos para um Porto de Honra.

O Presidente da Direcção
José Morais Arnaud



Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio, assinando o Livro de Honra da AAP, na presença da Presidente da Mesa da Assembleia Geral, Prof.^a Doutora Teresa Júdice Gamito, e do Presidente da Direcção

CONSTRUINDO A MEMÓRIA

AS COLECÇÕES DO MUSEU
ARQUEOLÓGICO DO CARMO





Associação dos Arqueólogos Portugueses

